

INTRODUÇÃO*

A sala de aula nos transforma, transforma alunos e professores. Ninguém passa por ela sem ser de alguma maneira afetado, ninguém a deixa fechando-lhe completamente a porta. Nas salas de aula da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), desde o ano 2011, ano de criação do curso de História,¹ temos sido transformados.

São salas compostas por professores vindos de distintas partes do Norte do Brasil e de outras regiões do país, bem como por alunos nascidos, em sua maioria, no oeste do Pará: em Santarém, no interior, em comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas. Integrantes da sala de aula, cada um de nós, alunos e professores do curso de Licenciatura em História, em contato com o outro, vamos fazendo com que nosso próprio conhecimento histórico seja também ele transformado, tornando-se mais vivo e, certamente, mais pertencente a essa realidade em questão: a sala de aula em um curso de história em uma universidade pública no coração da Amazônia.

Criada no ano 2009, a Ufopa é a primeira instituição federal de ensino superior no interior da Amazônia brasileira. Para além da sede em Santarém (PA), a universidade multicampi está presente ainda nos municípios de Alenquer, Itaituba, Juruti, Monte Alegre, Óbidos e Oriximiná. Nosso cenário é, então, heterogêneo, do ponto de vista da diversidade cultural, linguística e étnica, uma vez que a área de abrangência da universidade, estimada em 20 municípios, incluindo os seis em que têm *campi* e a sede, tem aproximadamente, para um dado objetivo, 15.848 habitantes indígenas, com 21 terras indígenas e 28 etnias (Wania Viana e Elenise Arruda, ver capítulo das autoras neste volume).²

*DOI – 10.29388/978-65-86678-64-2-0-f.27-34

¹ Em 2011, foi criado o curso de Licenciatura Integrada em História e Geografia na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). Entre os anos 2011 e 2014, a instituição ofertou vagas para a Licenciatura Integrada na área tanto no curso regular quanto no Plano Nacional de Formação de Professores (Parfor). A partir de 2015, atualizada a grade curricular, passamos a ter as turmas do curso de Licenciatura em História da Ufopa.

² Neste texto introdutório, as referências bibliográficas serão limitadas aos capítulos que compõem este livro. O conteúdo desta introdução será, portanto, estendido no decorrer da obra e as referências bibliográficas serão especificadas ao longo dela, sendo diretamente citadas nos próximos textos.

Contando, atualmente, com 501 professores, 605 técnicos³ e 7.612 alunos,⁴ nossa universidade⁵ é, então, parte de um projeto político de interiorização do ensino superior de qualidade e público no país, cuja consolidação depende não somente da criação de instituições nos interiores, mas de um contínuo aprofundamento de suas demandas em relação às particularidades das realidades encontradas nesses interiores.

Da reflexão sobre nossa realidade, nasce este livro, *Reflexões e existência: universidade pública e a formação de professores de história no interior da Amazônia*, que versa sobre a experiência docente em nosso curso, mais especificamente sobre a experiência de lidarmos com nossos objetos de estudo em um curso de univer-

³ Os números correspondem ao total de professores e técnicos da Ufopa, considerando todos os *campi*, em Santarém e nas outras cidades do oeste paraense onde a instituição está presente. O dado foi fornecido em agosto de 2020 pela Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas.

⁴ Dessa vez, o número foi fornecido pela Pró-Reitoria de Ensino de Graduação. A soma do número de alunos em Santarém, em contrapartida, é de 6447. No curso de História, o qual privilegiamos tratar neste volume, contamos 276 alunos matriculados, também na data de agosto de 2020.

⁵ Na sede da Ufopa em Santarém, temos: 1) *Instituto de Ciências de Educação* (Iced), ao qual se vinculam: Licenciatura Integrada em História e Geografia (Regular e Parfor) e Licenciatura em História; Bacharelado e Licenciatura em Geografia; Licenciatura Integrada em Matemática e Física (Regular e Parfor); Licenciatura em Informática Educacional; Licenciatura em Física; Licenciatura em Matemática; Licenciatura Integrada em Biologia e Química (Regular e Parfor); Licenciatura em Biologia e Licenciatura em Química; Licenciatura Integrada em Letras – Português e Inglês (Regular e Parfor) e Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa; e Educação, com o curso de Licenciatura em Pedagogia (Regular e Parfor); 2) *Instituto de Biodiversidade e Florestas* (Ibef), com os Programas de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Agrárias (Bacharelados Profissionais em Engenharia Florestal, Agronomia, Zootecnia e Biotecnologia); 3) *Instituto de Ciências da Sociedade* (ICS), com os Programas de Ciências Jurídicas, com Bacharelado em Direito; Programa de Ciências Econômicas e Desenvolvimento Regional, com Bacharelado em Ciências Econômicas e Bacharelado em Gestão Pública e Desenvolvimento Regional; Programa de Antropologia e Arqueologia, com Bacharelado em Antropologia e Bacharelado em Arqueologia; 4) *Instituto de Engenharia e Geociências* (IEG), com os Programas de Ciências da Terra, com o Bacharelado Interdisciplinar em Ciências da Terra, no primeiro ciclo de formação, e três Bacharelados Profissionais: Geologia, Geofísica e Ciências Atmosféricas, no segundo ciclo; Programa Ciência e Tecnologia, o primeiro ciclo com o Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia, e no segundo o Bacharelado Profissional em Engenharia Física com ênfase em Energia; Programa de Computação, com Bacharelado em Ciências da Computação; 5) *Instituto de Saúde Coletiva* (Isco), com os cursos de Farmácia e Bacharelado Interdisciplinar em Saúde Coletiva; 6) *Instituto de Ciências e Tecnologia das Águas* (ICTA), com Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia das Águas; Bacharelado em Biologia; Bacharelado em Engenharia de Pesca; Bacharelado em Gestão Ambiental; e Bacharelado em Engenharia Sanitária e Ambiental; e 7) *Centro de Formação Interdisciplinar* (CFI).

cidade pública no interior da Amazônia, uma especificidade que nos leva a repensar continuamente nossa atuação. Em outras palavras, com este livro queremos detectar a maneira como determinadas experiências em sala de aula reestruturam nossa forma de lidar com as questões que moldam nossa consciência história como professores e pesquisadores. Ele é, então, evidência de que o presente vivido reconfigura nossa relação com o conhecimento que queremos construir.

Em cada capítulo, nós, professores do curso (efetivos e convidados), respondemos à questão: como a sala de aula, na Ufopa, altera, transforma, redimensiona nosso objeto de pesquisa e/ou a docência? Para responder a elas, recorreremos às experiências vividas em sala de aula e à discussão de uma bibliografia especializada, alimentados sempre pela atualidade circundante. Não fica de fora, portanto, o cenário político nacional, anunciado nas urnas em 2018, mas prenunciado já antes disso. Dominado pela extrema direita e unindo ao pensamento neoliberal na economia o reacionarismo extremado na pauta dos costumes, se, o que temos nesse cenário, é uma ameaça ao projeto de interiorizar e democratizar o ensino superior, temos com ele e por causa dele uma imediata associação da crise ao que pode mesmo ser seu sinônimo, a ideia de um desafio decisivo, de luta por sobrevivência (André Fonseca, ver capítulo do autor neste volume).

Com 11 professores efetivos (seis doutores e cinco doutorandos), oferecendo 50 vagas a cada ano letivo e a caminho de completar seu 10^a ano de vida, o curso de Licenciatura em História da Ufopa está ainda descobrindo e construindo suas próprias características. A heterogeneidade em nossas salas de aula faz com que nosso maior objetivo seja o de formar professores aptos a atuar no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio, de modo a superar um domínio conteudista em prol de um ensino reflexivo e questionador, capaz de pensar e enfrentar os problemas crítica e prospectivamente em nossa região, o Baixo Amazonas.

Para tanto, a formação do professor de história da Ufopa organiza-se em três núcleos. O primeiro é o Núcleo de Formação de Práticas Docentes, formado pelos componentes curriculares: Didática (60 horas), Educação Etnorracial (75 horas), Fundamentos Históricos e Filosóficos da Educação (75 horas), Metodologia do Ensino de História I (75 horas), Metodologia do Ensino de História II (75 horas), Língua Brasileira de Sinais (75 horas), Política e Legislação Educacional (75 horas), Psicologia da Educação e da Aprendizagem (75 horas), Seminários Integradores (25 horas). O segundo é o Núcleo de Formação em Saberes em História e Suas Didáticas, formado pelos componentes cur-

riculares: Estágio Supervisionado em História I (100 horas), Estágio Supervisionado em História II (100 horas), Estágio Supervisionado em História III (100 horas), Estágio Supervisionado em História IV (100 horas), Antropologia e História (60 horas), Metodologia do Trabalho Científico (60 horas), História Antiga (85 horas), História Contemporânea I (85 horas), História Contemporânea II (85 horas), História da África I (85 horas), História da África II (85 horas), História da Amazônia I (85 horas), História da Amazônia II (85 horas), História da América I (85 horas), História da América II (85 horas), História do Brasil I (85 horas), História do Brasil II (85 horas), História do Brasil III (85 horas), História Medieval (85 horas), História Moderna (85 horas), Historiografia Brasileira (85 horas), História Indígena e do Indigenismo (85 horas), Introdução aos Estudos Históricos (60 horas), TCC I (60 horas), TCC II (60 horas), Teoria da História I (60 horas), Teoria da História II (60 horas), Metodologia da História (60 horas), Optativas I, II, III, IV, V, VI, VII (com 60 horas cada). Por fim, o terceiro é o Núcleo de Estudos Integradores, composto pelas atividades complementares, de ensino, pesquisa, extensão e representação estudantil; monitorias, atividades de caráter científico e de divulgação científica, artísticas, culturais ou técnicas.

Por um lado, essa breve e técnica apresentação de nosso currículo nos permite observar como, até mesmo em um nível mais burocrático (o currículo), a diversidade que encontramos no Baixo Amazonas quer ser o caminho de nosso curso para a reflexão sobre as desigualdades e violências que atravessam a história da região. Por outro, se a diversidade se faz ver nos núcleos mencionados de nossa grade — Educação Etnorracial, História da África, História da Amazônia etc. —, como é, na prática, pensar as africanidades, por exemplo, em uma sala de aula em que muitos dos alunos vivenciam em suas comunidades manifestações vivas e permanentes dos mecanismos de conquista e de violência simbólica da discriminação e da assimilação? E como é fazer dialogar com a experiência de nossa sala o avanço das discussões da Lei nº 11.645/2008 a respeito da inclusão da história da África, afro-brasileira e da cultura indígena no ensino (Gustavo Sousa, ver capítulo do autor neste volume)? O par diversidade curricular e diversidade em sala de aula nos chama a atenção também para a necessidade de uma “nova história indígena”, já em desenvolvimento. Tributária da relação entre história e antropologia, para construí-la será preciso desconstruir um etnocentrismo que fez forte tradição. É esse novo conhecimento aquele que será capaz de desenvolver uma liga consistente não só entre a diversidade curricular e a diversidade em sala de aula, mas entre a forma como o passado lidou com a diversidade e as marcas dessa postura na figura do presente. Assim, tal

como queremos pensar a história da África com nossos alunos, experimentados, em sua grande maioria, nas heranças de uma história colonial e escravocrata, queremos igualmente pensar a história indígena com eles, sobretudo porque temos em nossas salas de aula alunos WaiWai, Kaxuyana, Arapium, Tupinambá e Tupaiu, testemunhas imediatas do quanto a história vivida os excluiu e ainda tende a excluí-los da narrativa oficial (Gefferson Rodrigues, ver capítulo do autor neste volume). Diante deles, contudo, por mais que queiramos reescrevê-la, e que queiramos que também eles a reescrevam, lidamos invariavelmente com as dificuldades provocadas pela falta (em nossa formação de professores do ensino superior) de um repertório capaz de práticas pedagógicas em contextos de diversidade, precisamente nosso contexto. Em resposta a isso, surgem, desde 2013, os esforços que inaugurarão em 2017 o Centro de Documentação Histórica do Baixo Amazonas (CDHBA),⁶ constituindo uma forte base para nosso curso e para a construção de novas possibilidades pedagógicas e de vivências no arquivo, possibilitando a alunos e professores a imersão em uma documentação jurídica que, antes disso, perdia-se em caixas fechadas espalhadas pelos fóruns e cartórios do interior paraense.

A sala de aula do curso de História na Ufopa é, portanto, o ambiente em que testamos diariamente a precária formação de um grupo, a que queremos chamar de “nós”, considerando tal pronome coletivo, “nós”, no sentido mesmo de um grupo composto por experiências nossas e alheias, diversas, isto é, experiências plurais. Como lidar com a diferença, tornando-a o caminho para a compreensão de quem é nosso “nós” na sala de aula da Ufopa, quando séculos de tradição, seja a tradição da experiência da história brasileira, seja a tradição filosófica do Ocidente, querem, muitas vezes, esquecer ou mesmo apagar do pensamento sobre o passado as cicatrizes que nasceram, justamente, das fronteiras entre “um” e “outro” (Augusto de Carvalho e Erick Araujo, ver capítulo dos autores neste volume)? Somos estrangeiros ao “nós”? Somos estrangeiros em nós?

A pergunta sobre o “nós”, aliás, não pode se limitar à sala de aula de nosso curso na Ufopa. Afinal, nossos alunos estudam conosco para se formar

⁶ Vale destacar ainda que o CDHBA, atualmente coordenado pelo professor Gefferson Rodrigues, teve aprovado, no ano 2020, o projeto “Digitization of Justice court files under authoritarian regimes in Amazonia” pelo Modern Endangered Archives Program, da Biblioteca da Universidade da Califórnia (EUA), dedicado a digitalizar e tornar acessíveis arquivos de distintas regiões do mundo dos séculos XX e XXI. O projeto é coordenado pela professora e pesquisadora do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), Emilie Stoll, junto com os professores da Ufopa Gefferson Ramos Rodrigues, Luiz Carlos Laurindo Junior e Wania Alexandrino Viana.

professores. Também eles têm de lidar, assim, com a questão ao experimentar a docência. Com efeito, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência de História (Pibid-História), os discentes desenvolvem projetos em escolas da rede pública de ensino na cidade de Santarém desde 2013, em experiências relacionadas com a sala de aula, mas para além da sala de aula universitária, ou, mais precisamente, na interseção entre a sala de aula da universidade e a sala de aula da escola. Entre essas vivências, uma das necessidades é a de pensar, haja vista a invisibilidade local nos livros didáticos, a história regional nas escolas santarensas (Diego Gois e Lademe Sousa, ver capítulo dos autores neste volume). Ora, um curso de história da Amazônia em uma universidade situada no oeste do Pará, na região do Baixo Amazonas, não pode deixar de historicizar a construção da ideia mesma desse espaço, para, em primeiro lugar, empreender a tarefa de desnaturalizá-lo. O Baixo Amazonas, o espaço que nomeamos Baixo Amazonas, nasceu de uma empresa colonial, movida por interesses diversos e marcada, conseqüentemente, pela inauguração e pela reconfiguração de relações interétnicas (Vanice Melo, ver capítulo da autora neste volume). As problematizações sobre a história local nos ajudam a entender a invisibilidade da história do Baixo Amazonas nos livros aos quais se dedicam crianças e adolescentes nas escolas da região. De fato, é ainda comum, nos materiais didáticos e memorialísticos, não considerar a economia da Amazônia do século XIX como parte do sistema mundial capitalista. Precisamente por se confiar em uma percepção cristalizada das características geográficas da região, outras de suas particularidades regionais, que incluem os fatores ambientais, mas também econômicos, políticos e culturais, a economia foi apagada da interpretação de sua história (Luiz Laurindo, ver capítulo do autor neste volume).

Ora, a tensão do binômio diversidade local e silenciamento da diversidade local aparece no centro de nossas salas de aula em todas as camadas que as constituem. Ensinar a história da Antiguidade, da Europa medieval e moderna, a história da colonização será contribuir necessariamente para que pese apenas um lado dessa balança? Algo de outras realidades, mesmo quando tratamos de realidades que embasaram, justamente, uma tradição de pensamento aniquiladora das diferenças, poderá contribuir para o objetivo que entendemos ser o primeiro de nosso curso, o de formar professores críticos e propositivos, aptos a estabelecer em suas salas de aula um coletivo que queira enfrentar os problemas na região do Baixo Amazonas? Uma das possibilidades é a de, em se tratando das disciplinas de antiga, medieval e moderna, afastar-se de práticas avaliativas homogeneizadoras, explorando a oralidade e a curiosidade, produzindo jogos

didáticos, mostras culturais, promovendo, enfim, a experiência do outro (o outro ser humano, a outra temporalidade), por meio de práticas colaborativas que realcem dessas disciplinas aquilo que as práticas costumeiras não conseguem realçar (Douglas Lima, ver capítulo do autor neste volume). Reconhecemo-nos no teatro, na festa, na democracia dos antigos. Reconhecemo-nos ainda em sua violência, nos ciclos de vingança, na justiça que se faz com as próprias mãos. É que acessamos (ou acessamos mais) um tempo ido quando algo dele *permanece* no presente. A tradição ou as tradições, enfim, são *permanências* do passado, permanências atualizadas, que existem como formas plásticas em outras temporalidades, inclusive no presente, porque não se extenuaram no pretérito, não se encerraram ainda. Mesmo que este, o presente, seja muito diferente daquele, o passado, é preciso que algum reconhecimento exista, para que se possa falar do que já não é (Lorena Lopes, ver capítulo da autora neste volume). Algo de milênios atrás, de milhas além é, de alguma forma, ainda nosso, é, de alguma forma, parte de “nós”? Da *Oresteia* a nossos dias, da Grécia ao Baixo Amazonas, conhecemos da história distante aquilo que nos aproxima do outro, aí também empreendemos o exercício constante (sempre a caminho, nunca esgotado) de pensar a diversidade.

Feito esse curto percurso preliminar, torcemos para que, a partir de agora, a partir desse primeiro contato com nossa sala de aula, os leitores, experimentados na realidade do Baixo Amazonas ou distantes dela, possam amarrar livremente as discussões que vêm a seguir, dando ao todo novas imagens. Centradas na experiência da universidade pública no interior da Amazônia, instaurando diálogos sub-reptícios entre si e, não raro, questionando uma a outra, essas imagens saberão apresentar nosso dia a dia na Ufopa, revelando de nosso mundo as dúvidas, os ensaios e, sobretudo, o desejo de assegurar as existências que poderíamos (e podemos) qualificar como outras, mas que, a essa altura, são também parte de nós.

Os organizadores,
André Dionei Fonseca e Lorena Lopes da Costa